



Novos paradigmas

Debate Economias de escala Eugénio Viassa Monteiro

Os países populosos estão a tentar activamente arranjar soluções para os seus complexos problemas. E parece que encontram: o que se poderia ver como um fardo, a população, pode ser um “dividendo demográfico”. Não só para usar termos glamorosos e dar um tom optimista, mas porque já existem exemplos bem sucedidos de transformar *handicaps* em vantagens.

Conheço bem a Índia e espanta-me ver o empenho de cidadãos a mobilizarem as suas empresas para a descoberta de soluções aplicáveis a amplos estratos sociais. São, muitas vezes, ideias de simplificação ou redução de custos, para se aplicarem com toda a generalidade.

Quando lá apareceu o telefone móvel, parecia de acesso restrito aos ricos. Os empreendedores viram que, quanto mais baixavam os preços de utilização, mais pessoas iam acedendo. Actualmente é o país com o custo por minuto mais baixo, pelo que o número de linhas de rede

móvel ultrapassa os 950 milhões. Mesmo ganhando muito pouco em cada ligação, ao serem muitas, todos os operadores têm rentabilidades aceitáveis.

Nos Hospitais Aravind – são já dez os hospitais do grupo na Índia – a eficiência do funcionamento é tão elevada que fazem mais de 400.000 operações às cataratas por ano, além de todo o tipo de consultas; e apenas 1/3 dos doentes paga a conta e os restantes 2/3 nada pagam, por serem muito pobres. Mesmo assim, as despesas ficam cobertas e há um bom *superavit* para modernização do equipamento e criação de novos hospitais. O “segredo” está numa organização eficientíssima, dando aos médicos um ambiente de grande concentração, com muitas operações seguidas e bem feitas. Todo o pessoal é intensamente treinado para fazer um trabalho de exigência e rigor.

O sector farmacêutico indiano está em explosão. Só em Goa, na Electronic City, situada numa colina em Nagoá, há dezenas de empresas nacionais e estrangeiras de grande envergadura: Cipla, Ranbaxy, Rathiofarm... A Índia fabrica os componentes activos e também remédios genéricos a preços ultrabaixos. E tem grande facilidade de produzir novos remédios ou cópias dos mais caros e



Economias de escala, beneficiando todos, pode ser a onda do nosso século a alastrar-se



foi notícia, são frequentes. A Bayer pô-lo à venda por 5500 dólares a dose mensal. Dentro das regras da OMC - Organização Mundial do Comércio -, um laboratório indiano solicitou à autoridade competente licença para fabricar “uma cópia”, visto aquele preço ser inacessível ao cidadão indiano, mesmo muito rico (não existe

inacessíveis a um cidadão normal. Terá actualmente mais de 70 fábricas com produtos certificados pela FDA americana, que exportam para quase todo o mundo. Fazem também investigação para encontrar novas moléculas, muitas vezes em colaboração com multinacionais farmacêuticas.

Casos como o Nexavar, um remédio contra o cancro, que há poucas semanas

o SNS a subsidiar a compra, na Índia). A autoridade concedeu a licença e o laboratório pôs à venda o produto copiado por 173 dólares a dose mensal, nos quais já incluía 6% de *royalties* para a Bayer! A Bayer levou o caso aos tribunais..., mas entretanto os doentes indianos podem tomar o remédio.

Tenho esperança de que as multinacionais irão depressa fazer novas abordagens, inteligentes, aprendendo da Índia a transformar inconvenientes de pobreza em vantagens de contar com uma grande população, à semelhança do que acontece com os telefones móveis indianos e com os Hospitais Aravind. Ao permitir acesso a um número mais vasto de pessoas, mesmo com percentagem pequena do custo para amortizar a investigação, a receita pode ser muito maior do que quando o custo é alto.

Economias de escala para tornar o desenvolvimento inclusivo, beneficiando todos, pode ser a onda do nosso século a alastrar-se por continentes inteiros que estiveram a viver à margem do progresso. E são motivo de esperança para depressa atingirem índices de qualidade de vida mais “humanos”.

Professor da AESE e autor do livro O Despertar da Índia